

CAOS NO SISTEMA DE SAÚDE

Beth Veloso

Da equipe do Correio

O programa de Reformulação do Modelo de Atenção à Saúde, que pretende revolucionar o sistema de saúde pública, está criando um novo tipo de paciente no DF: o andarilho. Três semanas após a implantação do Rema, os doentes estão mais atordoados do que nunca e se vêem na iminência de perderem o pouco que tinham: o acesso às emergências dos hospitais públicos.

Dia após dia, a rotina se repete. Os pacientes chegam aos hospitais depois de terem procurado os postos de saúde, como manda o Rema, mas sem conseguir atendimento.

A dinâmica do novo sistema determina que os pacientes procurem primeiro os postos ou centros de saúde. Somente os casos mais graves serão encaminhados para os hospitais, hoje superlotados.

No pronto-socorro, são aceitos na base do choro. "Pelo amor de Deus. Já estou vindo de outro lugar...", implorou ontem a funcionária Maria de Fátima Mello ao diretor do Hospital Regional da Asa Sul, Geraldo Secunho, que queria encaminhá-la para o centro de saúde mais próximo.

No início da manhã, Maria de Fátima havia levado a filha Juliana, de 4 anos, com febre alta, para ser atendida no Posto Médico do Ministério das Relações Exteriores, mas desistiu de esperar pelo atendimento por causa da fila.

FICHA

O diretor do hospital repetiu as mesmas palavras pronunciadas a inúmeras outras mães na mesma manhã. "Vai pegar uma ficha, mas da próxima vez a senhora não vai mais ser atendida aqui sem encaminhamento", avisou.

"A intenção é que o paciente venha à emergência só em casos de maior gravidade", explicou o médico. Mas a maior parte das pessoas não têm conseguido sequer o atendimento nos postos de saúde. E reclamam que, quando conseguem, o problema não é resolvido.

"Eles não dão encaminhamento para não dizer que não estão atendendo os pacientes", denuncia a dona-de-casa Laurinete Rocha Pereira. Depois de passar pelo Centro de Saúde do Paranoá, ela armou um escândalo no HRAS, exigindo o atendi-

Fotos: Wanderlei Pozzembom



No Hospital da Asa Sul, que recebe todas as crianças do DF e Entorno, havia apenas uma pediatra no atendimento ontem. Mas nenhum argumento removeu as mães para um centro de saúde

mento imediato do seu filho Luís Eduardo Araújo, de 7 meses, com febre e vômito há dias.

Segundo ela, o posto de saúde fez apenas um "encaminhamento verbal". Se tivesse o documento em mãos, teoricamente, teria prioridade sobre os demais pacientes e entraria para a sala de consultas de imediato, como prevê a filosofia do Rema. Cansada de esperar, Laurinete invadiu a sala da Pediatria no HRAS. Conseguiu apenas uma ambulância para ser removida para o HRAN.

REVOLTA

Com dor de cabeça há mais de um mês, a menina Cleidiane foi levada na mesma ambulância para o Hospital de Base. A mãe, Florinda Maciel de Souza, também estava revoltada com o descaso dos médicos.

Na semana passada, foi ao Centro de Saúde de Santa Maria, onde não havia sequer um doutor. "A gente vai em Santa Maria e eles só marcam consulta para 30 dias. Para quem tá morrendo, não adianta", avalia. Desesperada, foi bater no Hospital do

Gama. "Fui lá no domingo e os médicos estavam assistindo o jogo de futebol e não estavam nem aí". No HRAS, ontem pela manhã, também não conseguiu atendimento. "Se depender dos médicos, você vai morrer à mingua", queixou-se.

A telefonista desempregada Patrícia Miranda também já tentou várias vezes os centros de saúde. A última delas foi ontem pela manhã, antes de despencar com o filho Vinícius, de 6 anos, sofrendo de uma crise de amigdalite, para o HRAS. "As educadinhas (enfermeiras) falam assim: não posso atender agora. Já vou fechar a agenda. Volte no mês que vem", conta. A única vez que conseguiu ser atendida no Centro de Saúde do Paranoá, onde mora, chegou às 5h.

Com seis meses de gravidez, Patrícia ainda não fez sequer uma consulta pré-natal. E nem se arriscou a pedir uma chance no HRAS, tido como referência na área de obstetrícia. "Deixa para lá. Na hora do parto, vou para onde me aceitarem", conforma-se. A recepcionista Dilma Soares aconselhou Patrícia a procurar o

Centro de Saúde do Lago Sul. "Aqui não fazemos pré-natal", explica.

ESPERA

Depois de três horas de espera, às 13h, Vinícius, filho de Patrícia, ainda não tinha sido atendido. "Se fosse antes (do Rema), eu já teria ido embora", acredita.

Morador da Candangolândia, o motorista de ambulância da Fundação Hospitalar, José Geraldo Farias, confirma que o sistema não está funcionando. "Eu mesmo moro do lado de um posto de saúde, mas nem vou lá, porque não tem médico", garante.

Maria José de Oliveira, Simone Pereira da Silva e Regina Pereira Lopes são outras mães com histórias parecidas para contar. Estão cansadas de bater de porta em porta em busca de atendimento. Se queixam da falta de médicos nos postos de saúde, da má vontade dos funcionários, da demora no atendimento e na marcação de consultas e do preço dos medicamentos.

"Como é que a gente vai comprar

um vidro de remédio que custa R\$ 33 se ganha um salário mínimo?", indaga Florinda de Souza, que só conseguiu medicar a filha Cleidiane no HRAS, antes de seguir para o Hospital de Base.

Desconfiada de uma pneumonia no filho Edijane, a dona de casa Jane Martins não tem dúvidas de que o atendimento piorou. "Antes você não precisava de encaminhamento", opina, também na fila de espera do HRAS. Ela não acredita que as coisas vão mudar. "Todos os postos têm problemas. É falta de médico", diagnostica.

Como quem luta contra um inimigo muito mais forte, o diretor do hospital quase se apavorava com a demanda de pacientes. Até o meio dia, foram 230. Praticamente todos os casos, segundo ele, poderiam ser perfeitamente tratados nos centros de saúde.

Ele tentou inutilmente convencer às mães a não procurar os hospitais. "O senhor acha que eu viria do Paranoá até aqui se eu tivesse sido atendida lá?", responde Auricélia Souza,

que tentou consultar o filho Bruno Henrique, de 4 anos, no Centro de Saúde do Paranoá, sem sucesso. "Tinha mais de 50 pessoas e só um pediatra. Lá é muito enrolado", justificou.

Os argumentos de Geraldo eram inúteis, diante da lógica incontestável da estudante. Até mesmo o argumento de que, também no HRAS, ela teria que esperar quase o mesmo tempo para ser atendida do que no centro de saúde. No hospital que recebe todas as crianças do Distrito Federal e Entorno, havia apenas uma pediatra no atendimento. Uma outra estava cuidando dos pacientes internados, no isolamento e no ambulatório, informou o diretor do HRAS.

"Estamos aqui educando. Não estou negando atendimento. Há 30 anos, o povo se acostumou em ir a uma emergência, onde as portas estão abertas, ao invés de ir a um posto de saúde", disse. "Não é de um dia para o outro, com a implantação do Rema, que vamos mudar essa cultura", afirmou o médico.